



HIATO



SIM Galeria São Paulo

# HIATO

HELIO OITICICA  
JUAN PARADA  
LAIS MYRRHA  
RICARDO ALCAIDE  
SAM MOYER

abertura                    *opening*  
**sábado**                    **saturday**  
**25 maio**                **may 25**  
**11h-15h**                **11am-3pm**

25 maio - 20 julho 2019  
*may 25 - july 20 2019*

**SIM** GALERIA

**São Paulo**  
rua sarandi, 113a  
01414-010 | são paulo | brasil  
[info@simgaleria.com](mailto:info@simgaleria.com)  
[@simgaleria](http://simgaleria.com)

Sam Moyer - Ryōan-ji Path, 2019  
marmorite, mármore, tela pintada sobre painel de mdf  
marmorite, marble, painted canvas on mdf panel, 175,3 x 124,5 x 3,8 cm





**LAIS MYRRHA**

Cálculo das Diferenças, 2017

Tijolo, madeira, cinzas e vidro

*Brick, wood, ashes and glass*

176 x 88 cm (cada módulo/each module)





HELIO OITICICA

Metaesquema II, 1958

Guache sobre cartão

Gouache on cardboard

42 x 48,5 cm





**HELIO OITICICA**

Metaesquema 243, 1958

Guache sobre papel

*Gouache on paper*

30 x 40 cm





JUAN PARADA

Estranhos Atratores IV, 2019

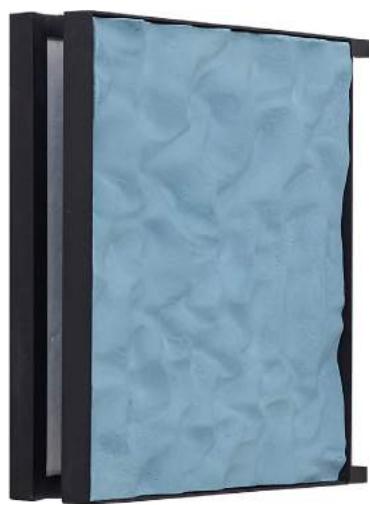
Cerâmica pigmentada e ferro

*Pigmented ceramic and iron*

52 x 48 x 8 cm







JUAN PARADA

Elogio a Água II - Impressões de Superagui, 2018

Cerâmica pigmentada e ferro

*Pigmented ceramic and iron*

50 X 50 X 2,5 cm cada each



RICARDO ALCAIDE

Sunset, 2019

Grade de aço, tijolos baianos e tinta industrial poliuretano

Steel grid, bahian bricks and industrial polyurethane paint

340 x 224 x 39 cm







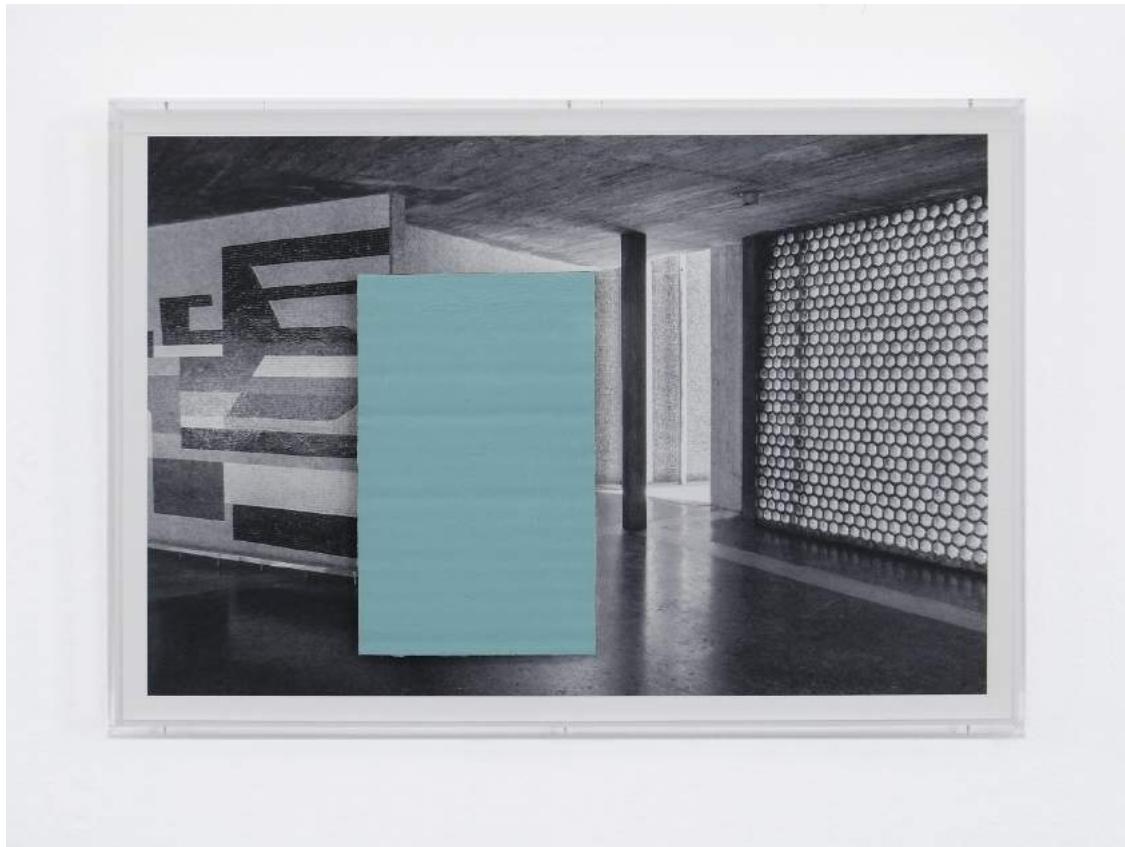
RICARDO ALCAIDE

Other Side, 2015

Acrílica sobre impressão jato de tinta

*Acrylic on Inkjet print*

24 x 34,5 cm



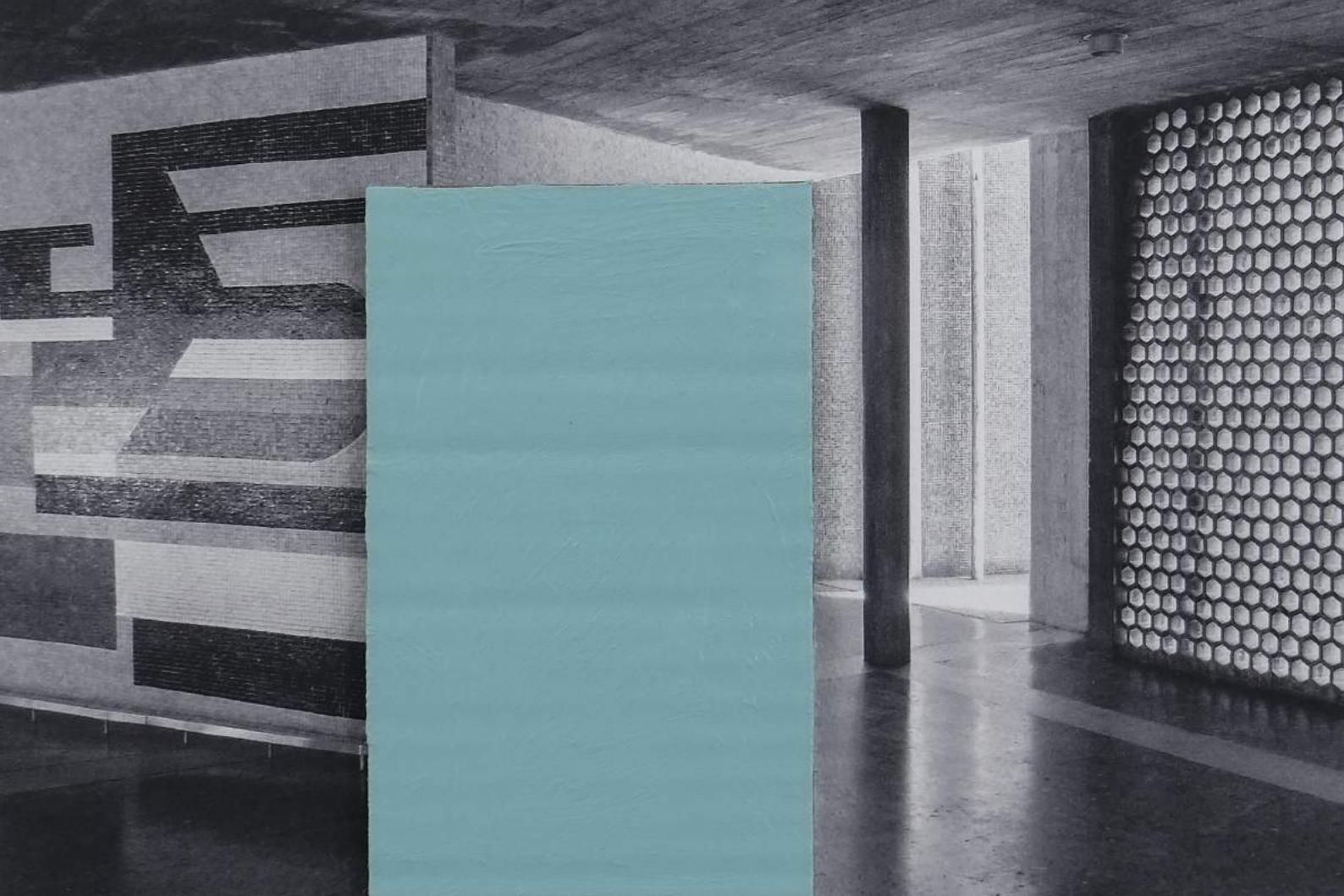
RICARDO ALCAIDE

Blue Element, 2017

Acrílica sobre impressão jato de tinta

*Acrylic on Inkjet print*

23,3 x 34 cm





RICARDO ALCAIDE

Lost Geometry, 2017

Acrílica sobre impressão jato de tinta

*Acrylic on Inkjet print*

23,3 x 34 cm





**SAM MOYER**

Grid for Helio, 2019

Concreto de marmorite, tela pintada sobre painel de mdf

*Terrazzo and marble, painted canvas mounted to mdf panel*

152,4 x 124,5 x 3,8 cm





SAM MOYER

Ryōan-ji Path, 2019

Marmorite, mármore, tela pintada sobre painel de mdf marmorite

Terrazzo and marble, painted canvas mounted to mdf panel

175,3 x 124,5 x 3,8 cm



## **Uma coisa que fica entre**

Nos anos 1957 e 1958, Hélio Oiticica (1937-1980) produz uma série de guaches sobre cartão denominada por ele, nos anos 1970, 'Metaesquemas'. Essas estruturas, formadas por gráficos ou placas de cor, são perturbadas pelas operações realizadas na superfície que imprimem movimento e ambiguidade ao espaço pictórico. Nas palavras do artista - que elabora teorias, conceitua e pensa a própria obra - 'Metaesquema' é "esquema" (estrutura) e "meta" (transcendência da visualização), *uma coisa que fica entre*<sup>i</sup>.

Nestas produções artísticas, *entre* a ruptura da estrutura formal da composição pictórica e o vir a ser do espaço extra-pictórico ambiental, reside um hiato. Na abertura, fenda, lacuna, está a interrupção do padrão de um acontecimento contínuo para a confirmação da continuidade dos processos ambíguos. Em um gerúndio incessante 'friccionando' e 'tensionando' ambiguidades - ordem-desordem, vertical-horizontal, cheio-vazio, fundo-figura, vivo-morto, espaço-tempo -, abrem-se perspectivas para a posterior arte ambiental. Essa noção de arte ambiental poderia ser compreendida como 'arte na situação', quando todo o conjunto perceptivo sensorial (corpo) domina a experiência para além da supremacia do visual<sup>ii</sup>.

Na exposição coletiva Hiato, a partir dos gatilhos disparadores de Hélio Oiticica, as produções de Juan Parada, Lais Myrrha, Ricardo Alcaide e Sam Moyer são fios soltos do experimental que brotam para um número aberto de possibilidades e interpretações.

Juan Parada (1979) e Hélio Oiticica, em suas práticas, compartilham investigações sobre tempos de duração. Nas reflexões iniciais de Oiticica, amparadas em teorias bergsonianas, está o interesse pela relação espaço-temporal da obra de arte e seu tempo interior; para ele manifestada através da cor (luz). Já na obra *Elogio à Água II* (2018), de Parada, está presente o tempo de ação; expresso na condição cronológica intrínseca da construção das camadas de tempo da ilha de Superagui, no litoral do Paraná, que se encontram condensadas no objeto artístico e em seu processo de construção-impressão. Juan Parada impulsiona a fusão *entre* passado e presente e oferta tempo de desaceleração para a percepção dessa 'transição turva do não classificável', nas palavras do artista.

Em *Cálculo das Diferenças* (2017), Lais Myrrha (1974) registra a vocação desconstrutiva dos elementos construtivos: a tomada de posição crítica da artista implica em inevitável ambivalência. Na instalação, configurada por quatro módulos de vidro de igual tamanho, habitam matéria preservada e matéria arruinada - *entre* tijolos inteiros, tijolos quebrados, madeira inteira, madeira queimada. Myrrha desestabiliza as convenções materiais libertando-as dos seus confinamentos e desvelando, assim, a desordem frente à suposta ordem - e verdade - que reside em projetos construtivos (e arquitetônicos também). Entrecaixas - que armazenam material bruto em estado de devir - ou caixões - onde jaz o cadáver do que não foi - a artista aponta para o estado transitório, impermanente e mortal. Das coisas, inclusive.

Especialmente interessado pelas relações suscitadas por Hélio Oiticica acerca das problemáticas urbanas, Ricardo Alcaide (1967) propõe a instalação inédita *Sunset* (2019). Rompendo a regularidade rigorosa da grade - esse elemento domesticador urbano que é barreira entre o público e o privado - o artista insere objetos flutuantes: tijolos baianos pintados em sete cores sequenciais indicando a transição do pôr-do-sol, entre o dia e a noite. Na construção dialógica com matrizes neoconcretas, tanto *Sunset* quanto a obra *Progressive* (2016), ativam a memória viva do formalismo modernista, em um presente resistente, que tem sua estabilidade friccionada e está em constante limiar da queda.

As obras *Grid for Hélio* (2019) e *Ryōan-ji Path* (2019), de Sam Moyer (1983), colocam em campo ampliado o espaço pictórico e o espaço escultórico, em simultâneo. Associando diferentes materiais - concreto, mármore, marmorite, tela pintada, painel de MDF - com suas rugosidades distintas, a artista adere um ambíguo peso-leve à experiência visual, expandindo-a. Na linguagem abstrata indefinida entre pintura e escultura, a materialidade minimalista proposta por Sam Moyer está em híbrido equilíbrio dinâmico.

O conjunto de obras que configuram Hiato abrem-se às perspectivas múltiplas ao distanciarem-se de enquadramentos rígidos das linguagens tradicionais, assumindo ambiguidades e indeterminação. No texto Brasil Diarreia (1970), Hélio Oiticica aponta para a afirmação do experimental, alertando que pensar em termos absolutos é cair em erro. ‘O que não significa que não se deva optar com firmeza: (...) assumir ambivalências não significa aceitar conformisticamente todo esse estado de coisas; ao contrário, aspira-se então a colocá-lo em questão’. Na obsessiva dissecação do espaço posto em questão, no indefinível entre desse grande labirinto contemporâneo, moldam-se transformações. Como afirmou o artista, em ‘Posição e programa’ (1966): ‘só derrubando furiosamente poderemos erguer algo válido e palpável: a nossa realidade’.

Michelle Farias Sommer

<sup>i</sup> Entrevista de Hélio Oiticica à Jorge Guinle Filho. Interview, abril, 1980.

<sup>ii</sup> Pedrosa, Mário. Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica, 1966.

## A thing standing *between*

In 1957 and 1958, Hélio Oiticica (1937-1980) produced a work series of gouache on paper, denominated by him in the 1970's 'Metaschemes'. These structures, composed by graphics or color plates, are disturbed by the operations carried out on the surface that imprint movement and ambiguity to the pictorial space. In the words of the artist - who elaborates theories, conceptualizes and thinks about his own work - 'Metacheme' is "scheme" (structure) and "meta" (transcendental visuality), *a thing standing between*<sup>i</sup>.

In these artistic productions, between the rupture of the formal structure of the pictorial composition and the becoming of the extra-pictorial environmental space, lies a hiatus. The interruption of the pattern of a continuous event to confirm the continuity of ambiguous processes is in the aperture, crevice, gap. By tensioning ambiguities – order-disorder, vertical-horizontal, full-empty, back-figure, living-dead, space-time – perspectives are opened up for subsequent environmental art. This notion of environmental art could be understood as 'art in the situation', when the perceptive sensorial whole (body) dominates the experience beyond the sight supremacy.<sup>ii</sup>

In the group show *Hiatus*, from Hélio Oiticica production's trigger, works by Juan Parada, Lais Myrrha, Ricardo Alcaide and Sam Moyer are experimental loose threads that spring to an open number of possibilities and interpretations.

Juan Parada (1979) and Hélio Oiticica share in their practices investigations about time duration. In Oiticica's first reflections, supported by Bergson's theories, there is the interest in the space-time relation of the work of art and its interior time, for him manifested through color (light). And Parada, for instance, in the works *Praise to the Praise to the Water II* (2018), the time of action is present, expressed in the intrinsic chronological condition of the construction of the time layers of Superagui island, on Paraná's coast which are condensed in the artistic object and its construction-printing process. Juan Parada pushes the merger *between* past and present and offers slowed down time for the perception of this 'blurred transition of the unclassifiable', in the words of the artist.

Lais Myrrha (1974) in *Cálculo das Diferenças* (2017) records the deconstructive vocation of the constructive elements: the critical positioning of the artist implies an inevitable ambivalence. In the installation, composed by four glass modules of equal size, there are preserved and ruined matters – unbroken and broken bricks, whole and burned woods. Myrrha destabilizes material conventions by setting them free from their confinements and thus reveals disorder in face of the supposed order, and truth that lies in constructive projects (and also architectural). The artist points out the transitory state, impermanent and mortal of things using boxes that store the raw material in a state of becoming, or coffins where lies the corpse of something that it was not.

Especially interested in the relations raised by Hélio Oiticica about the urban problems, Ricardo Alcaide (1967) proposes the installation *Sunset* (2019). Breaking the grid's rigorous regularity - the urban domesticator element that is a barrier between the public and the private - the artist inserts floating objects: baiano bricks painted in seven sequential colors indicating the transition of the sunset, between day and night. In the dialogic construction with Neoconcrete movement matrices, both *Sunset* and *Progressive works* (2016) activate the living memory of modernist formalism, in a resistant present, which has its stability tensioned and is at constant threshold of fall.

Sam Moyer's (1983) works *Grid for Hélio* (2019) and *Ryōan-ji Path* (2019) put the pictorial and sculptural in an expanded field simultaneously. Associating different materials - concrete, marble, terrazzo, painted canvas, MDF panel - with its different textures, the artist attaches an ambiguous light weight to the visual experience. In the indefinite abstract language between painting and sculpture, the minimalist materiality proposed by Sam Moyer is in hybrid dynamic equilibrium.

The body of works that configures Hiatus open up to the multiple perspectives because of the way they distance themselves from rigid frameworks of traditional languages, assuming ambiguities and indeterminacy. In the text *Brazil Diarrhea* (1970), Hélio Oiticica points to the affirmation of the experimental, warning that to think in absolute terms is to fall into error. 'Which does not mean that one should not choose firmly: (...) assuming ambivalence does not mean accepting all this state of things in conformity; on the contrary, one aspires to put it into question'. In the obsessive dissection of the space in question, in the indefinable between of this great contemporary labyrinth, transformations are shaped. As the artist puts it, in 'Position and program' (1966): "By overthrowing furiously we can erect something valid and palpable: our reality".

Michelle Farias Sommer

<sup>i</sup> Entrevista de Hélio Oiticica à Jorge Guinle Filho. Interview, abril, 1980.

<sup>ii</sup> Pedrosa, Mário. Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica, 1966.



## SIM Galeria

Com as portas abertas há 8 anos em Curitiba, a SIM Galeria nasceu do trabalho dos irmãos Guilherme e Laura Simões de Assis. A dupla cresceu sob a atmosfera da arte, na galeria do pai, a Simões de Assis Galeria de Arte, fundada em 1984.

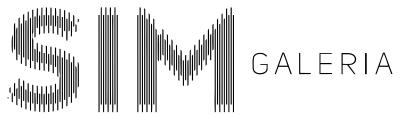
Dessa forma, a SIM agrega este legado histórico a uma gestão jovem e inovadora. Para atender às sofisticadas demandas que hoje os circuitos nacional e internacional exigem, a galeria busca processos de fomento de carreiras, ao apoiar e incentivar exposições de seus artistas em outros espaços dentro e fora do país, e de prospecção de mercados, ao participar de feiras importantes e ao estudo permanente de seus diretores sobre a cena contemporânea mundial.

Em 2018 inaugurou novo endereço em São Paulo, para ampliar a sua atuação no território nacional e no exterior. Com um elenco de artistas brasileiros e estrangeiros emergentes e consagrados, a galeria realiza mostras reflexivas e experimentais com curadores convidados. Em sua programação apresenta mostras individuais e coletivas, além de, paralelamente, desenvolver projetos educativos, entendendo a sua vocação também como um espaço para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a produção artística atual.

*SIM Galeria opened its doors 8 years ago in Curitiba, through the agency and hard work of the siblings Guilherme and Laura Simões de Assis. They grew up in the art world, at their father's gallery: Simões de Assis Galeria de Arte, founded in 1984.*

*Thus, SIM is now connecting its historical legacy to a fresh and innovative management. In order to meet the sophisticated standards that national and international art scenes demand today, the gallery seeks to promote career development processes, by supporting and encouraging exhibitions of artists in other places in the country and abroad; exploring markets, attending fairs and engaging in solid study of the contemporary world.*

*In 2018, a new gallery was opened in São Paulo, to broaden the operations in Brazil and abroad. With a cast of emerging and renowned Brazilian and foreign artists, the gallery holds thoughtful and experimental shows with invited curators. Its programming presents both individual and collective exhibitions. In addition, the gallery carries out educational projects, understanding the mission to work also as a space to expand and deepen knowledge about current artistic production.*

**São Paulo**

Rua Sarandi 113 a  
01414-010 | São Paulo | Brasil  
+55 11 3062-8980

**Curitiba**

Al. Presidente Taunay 130 a  
80420-180 | Curitiba | Brasil  
+55 41 3322-1818

[info@simgaleria.com](mailto:info@simgaleria.com)  
[simgaleria.com](http://simgaleria.com)